



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.
INSTITUTO DE LETRAS.
TEL – DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS.

MARIA ROSÁLIA DA SILVA RODRIGUES

**QUAL ALUNO FUI? QUAL DOCENTE SOU?
A MEMÓRIA EM “QUE MUNDO DEIXAREMOS PARA KEITH?” NA
CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DE LITERATURA**

BRASÍLIA, DF
2023

MARIA ROSÁLIA DA SILVA RODRIGUES

**QUAL ALUNO FUI? QUAL DOCENTE SOU?
A MEMÓRIA EM “QUE MUNDO DEIXAREMOS PARA KEITH?” NA
CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DE LITERATURA**

Artigo apresentado à banca do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília - UnB - como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português e sua Respectiva Literatura (Licenciatura).

Orientador: Professor Doutor André Luís Gomes

BRASÍLIA, DF
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar imensa vontade de deixar minha marca no mundo, além de forças e imensos desafios.

À minha mãe, dona Maria, por sonhar meus sonhos comigo, chorar meu pranto, rir meu riso e comemorar minhas vitórias, que se tornaram nossas, sempre.

À Maria Regina, por ser meu lar, mesmo quando eu nem sabia que precisava de um. A você, todo o meu amor.

Aos meus tios, André e Virgínia, por todo o apoio, desde o chão para meus primeiros passos, até os tapinhas nas costas em momentos difíceis.

À minha madrinha, Josefa, por ser um mar de sabedoria, no qual eu submerjo e aprendo cada vez mais.

Às minhas primas-irmãs, Aline e Ana Beatriz, por todas as risadas e conselhos dados inconscientemente.

À Kristy, João Pedro e Keinny, pelo companheirismo dado quando ainda não sabíamos o que o futuro nos reservava.

À Leticia e Pedro, por sempre me arrancarem as melhores risadas e por fazerem da faculdade um lugar muito, muito, mais leve. A caminhada ficou mais fácil com vocês.

*“O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.” (Guimarães
Rosa)*

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a obra “Que Mundo Deixaremos para Keith?” se deu na disciplina de Literatura Brasileira - Teatro, no primeiro semestre do ano letivo de 2022. Com a “encenação da leitura” da peça, diferentes questionamentos surgiram acerca da montagem teatral e da construção do personagem principal: o professor de literatura e o aluno que este professor foi. A curiosidade é justificada pela importância do docente de literatura para a contemporaneidade, em que, cada vez mais, há uma ameaça às artes, entre elas, a literatura.

Com isso, buscou-se a partir da leitura e, posteriormente, da “encenação da leitura” da peça na vigésima edição do projeto Quartas Dramáticas, projeto coordenado pelo Prof. Dr. André Luís Gomes, na Universidade de Brasília, a compreensão da memória para a construção do ser, neste caso, o ser professor de literatura.

Em “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, os personagens principais perpassam entre o passado - quando alunos - e o presente - como professores de literatura. Sendo assim, com um trabalho entre literatura e memória, busco analisar como o uso de “flashbacks”, estratégia usada pelos autores da peça, foi utilizado como um mecanismo para refletir sobre o passado, compreender o presente e pensar o futuro.

Entretanto, como trabalhar com duas artes que conversam em duas linguagens diferentes? A literatura tem seu foco na escrita, enquanto o teatro possui o seu na linguagem imagética, corporal, ou seja, na representação cênica. Mas, ainda assim, é possível traçar uma frutífera relação entre as duas, uma vez que uma peça, antes de ser encenada, passa por um processo de escrita. Dessa forma, a partir da leitura do texto dramático, observou-se ali uma oportunidade de aproximação entre essas duas artes.

Portanto, para as discussões apresentadas, a peça “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, parte de alguns questionamentos: o que é ser ou estar professor de literatura, o professor torna-se ou ele é? Em vista disso, observei que os “flashbacks” utilizados pelos personagens são um mecanismo para entender os professores que ambos se tornaram quando adultos.

Por fim, objetiva-se com as reflexões apresentadas, entender a relação frutífera entre literatura e o teatro, pensamento inspirado pela disciplina Literatura Brasileira - Teatro da Universidade de Brasília. Além disso, compreender o quanto importante a memória se faz para a construção da literatura, e, especificamente, do ser professor de literatura, na peça “Que Mundo Deixaremos para Keith?”. Assim, entendendo o espaço que esse ser ocupou e ocupa hoje.

QUE MUNDO DEIXAREMOS?

O título “Que Mundo Deixaremos para Keith?” batiza a peça escrita por Eduardo Nunes (dramaturgo, cineasta e diretor), em conjunto com os atores Leonardo Corajo e Sérgio Medeiros, dirigida por Denise Stutz (coreógrafa e diretora de movimentos). À primeira leitura, há um questionamento de quem é Keith e por que a reflexão sobre o mundo que deixaremos. Dessa maneira, a obra faz uma alusão ao famoso guitarrista da banda Rolling Stones, Keith Richards, e à sua longevidade, mesmo com todos os abusos¹ durante a vida, além de indagar sobre o futuro que está sendo construído pela atual geração.

Para a escrita da peça, o grupo buscou referências diversas: tais como, Paulo Freire e Daniel Pennac, como exemplificado pelo trecho de uma entrevista concedida pelo educador e filósofo Paulo Freire, com o qual é encerrado a peça:

Áudio de Paulo Freire

É isso que a gente precisa ver. Essa forma sábia de falar é também do adulto e é também da criança. Eu até diria que é do adulto que não matou o menino que tinha em si. E essa é uma das coisas que eu vou dizer a vocês com uma convicção enorme: eu tenho 73 anos, mas sou o mesmo menino que fui e brigo para ser o menino que não pude ser, hoje ainda. (QUE... 2021)

Paulo Freire foi uma influência clara para os dramaturgos, principalmente se considerarmos os dois escritos fundamentais da carreira do educador: *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Indagação*, os quais refletem sobre uma pedagogia engajada na emancipação da classe oprimida, a partir de um pensamento crítico, com o qual entenda a sua condição social e possa lutar por melhores condições de vida. Com isso, entende-se a urgência com a qual a peça trabalha para levar o público a uma reflexão artística sobre a educação neste país.

O escritor marroquino Daniel Pennac, autor do “Diário da Escola”, também é uma referência evidente, afinal o autor trabalha diretamente com a realidade escolar e a obra trata sobretudo da valorização da escola e do professor, em especial, o professor de literatura.

Com a construção da peça transitando entre o passado e o presente, ao se depararem com a escola em ruínas, as personagens principais da peça, Leo e Sérgio, iniciam uma urgente reflexão sobre a Educação e a Cultura no Brasil de hoje, traçando paralelo com a década de 80, demonstrando que, atualmente, esses dois alicerces da sociedade brasileira

estão sendo sacrificados e desvalorizados pouco a pouco. O prédio da escola está prestes a ser demolido, as personagens então, buscam resgatar as memórias e experiências ali vividas. Enquanto a escola desaba por fora, essas memórias reconstróem o interior das personagens, levando a uma reflexão para entender se a escola está desabando por dentro ou por fora. Assim, ao mesmo tempo que reconstróem a escola de maneira geográfica e afetiva, também se reconstróem por dentro, como pessoas e atuais professores de literatura. Para que isso seja feito, há uma intensa troca de papéis durante a peça, em que ora são alunos e ora são professores, ora são crianças, ora adultos. Dessa forma, há a busca por um entendimento do passado para a compreensão do presente e uma projeção do futuro.

Sérgio

Eu sempre fui um garoto pequeno pequeno pequeno... Na infância e na adolescência e continuei assim pela vida adulta. Mas isso pra mim nunca foi problema. O que aconteceu? O tempo... frustrações... perdas... medos... inseguranças... afasias... Que coisa é essa? Eu era o cara... Eu era maneiro... Um estalar de dedos e pá...pá...pá... (*Léo começa a cantarola Stayin Alive*) me tornei pequeno de verdade... Tudo me engoliu... me entristeci... me amedrontei... Era alegre. Era maneiro. Cadê o cara? Você tá me vendo? Você está me ouvindo? Me ajuda!

Leo

Moro em Niterói. Dou aula em Curicica. Me levanto às 04h20. Chego na Candelária e às 05h30 pegou outro ônibus. Esse vai lotado. Quer dizer eu pego vazio no ponto final e ele vai lotando pelo caminho. E lá pelas quinze pras sete eu tomo um café na padaria da rua da minha escola. Rua da Reverência. Sento. Como um pão com manteiga. Um café. E fico pensando na cidade corrupta e suja de Gregório de Matos. Penso nas coisas que eu vou dizer. Penso em Capitu, em Ana Terra, em Macabéa, em Diadorim, em Baleia. Aí eu pego meu café e sempre vai comigo um senhor que me parece indiano. Ele tem uma cara de Gandhi, olha eu julgando... e a gente vai caminhando juntos até a entrada da escola. Aí ele segue o caminho dele e eu entro. (QUE... 2021)

ENTRE PEÇA E PROSAS

A partir da leitura encenada da obra “Que Mundo Deixaremos para Keith?” iniciou-se uma reflexão acerca da relação entre literatura e teatro, visto que a peça trabalha com conceitos literários com uma perspectiva voltada para a encenação. Dessa forma, entende-se que a literatura e o teatro, como duas formas de expressão artísticas, possuem uma relação intrínseca que não pode ter o seu início datado. Por ambas compartilharem a narrativa como elemento indispensável, além da capacidade de emocionar o público, estabelecer parâmetros que evidenciem essa relação não se torna uma tarefa complicada. Com o passar dos séculos, a

literatura tem servido de inspiração para o teatro, com suas histórias, personagens e temas que são adaptados para a encenação teatral, enquanto o teatro tem influenciado a literatura, apresentando novas formas de narração e explorando a dimensão performática a partir da escrita.

A Literatura caracteriza-se sobretudo por ser atemporal e inespacial e isso possibilita ao leitor recriar suas emoções, sua interpretação, partindo de sua realidade, de seu momento histórico. Rildo Cosson (2009) afirma que a Literatura nos auxilia na percepção de quem somos, nos incentivando a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos e assevera que isso ocorre porque a Literatura é uma experiência a ser realizada, sendo ela mais que um conhecimento a ser reelaborado, mas a incorporação do outro em mim, sem prescindir da minha própria identidade. (SOUZA, 2017, pg.04)

O teatro e a literatura são duas expressões artísticas que são envoltas pelo universo ficcional, Maria Magaly Trindade Gonçalves, em seu artigo “Estética da Literatura”, afirma que o teatro é uma realidade com duas faces: a literatura e o espetáculo e completa afirmando:

A execução, a plena realização da obra dramática, seu modo legitimamente concreto de existência, enfim, depende de um conjunto complexo de elementos não especificamente literários. É a outra face do teatro, o espetáculo, uma face que impõe fatores extra - literários, a começar pela presença (física) do homem (ator), num espaço (físico) visível, o do palco. (GONÇALVES, 1993, pg.08)

Destarte, o teatro traz uma reflexão acerca da vida humana através das histórias dos personagens, possibilitando uma integração entre os elementos previsíveis e imprevisíveis, como é possível observar também nos textos literários. Assim, estabelecer uma relação de proximidade entre o teatro e a literatura, também perpassa pelo caminho de reconhecer as aproximações e distanciamentos entre as duas expressões de arte. A peça “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, material de estudo deste artigo, apresenta especificidades se comparada a um texto literário, pois alguns de seus elementos só são possíveis de ser apresentados durante a cena, como iluminação, sonoplastia, ao contrário de um texto da literatura, o qual possibilita ao leitor acesso a todos os elementos. Mas, ainda assim, é necessário reconhecer a importância da obra para a construção do ser professor de literatura, uma vez que a peça trabalha com o recorte memorialístico da infância das personagens, que influencia diretamente nos professores que se tornaram quando adultos.

MEMÓRIA: VOLTAR AO PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE E PENSAR O FUTURO

A primeira leitura da peça “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, veio a partir da disciplina Literatura Brasileira - Teatro no segundo semestre de 2021, no curso de Letras - Português e sua Respectiva Literatura (Licenciatura), na Universidade de Brasília. Com isso, surgiu a percepção da importância do uso da memória para a composição da obra. Com diversos “flashbacks”, a peça trabalha com o lugar da memória do aluno para a construção do ser professor de literatura.

Leo

Eu não sei se aquele outro que eu fui era mais feliz. Ou se morreu em um acidente. Ou se foi morar em outro lugar. Ou se voltou pra Minas, qual era mesmo a cidade em Minas?

Sérgio

(continuando) Carangola. E isso aqui... *(mostra para outra pessoa da plateia)* o que pode ser isso aqui. Dá para ler? Nem eu. Eu consigo entender a minha letra.

Leo

Tanta coisa. Astronauta, jogador de futebol, claro, bailarino, médico, não, médico não, veterinário. Jornaleiro, eu quis ser jornaleiro, palhaço, nada, cientista, jornalista... ATOR E PROFESSOR!!

Sérgio

Ator e professor. Não dá para entender.

Leo

É isso. (QUE... 2021)

Assim, a partir da leitura de trechos como o apresentado, iniciou-se uma reflexão sobre a relação entre literatura e memória, como se dá e origina, além disso, entender o lugar que essa relação possui dentro da obra trabalhada, principalmente quando usada para compreender o presente e pensar o futuro. Dessa forma, o artigo “Memória e Literatura: Contribuições para um estudo dialógico”, da autora Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos, se faz necessário para a compreensão desta relação.

De modo primordial, cabe destacar a percepção da memória como elemento situado para além de um passado paralisante: antes a acreditamos como uma instância plural e labiríntica, produzida a partir do cruzamento de espaços e temporalidades. Neste sentido, olhar o passado é construir o presente: leitura sempre em atraso – na expressão barthesiana – contaminada e oblíqua. Reside, porém, nestas lacunas a rica criação de novos sentidos e imagens, a remeterem duplamente para o hoje e o ontem: a única leitura possível da tradição é a que desvela o presente. (RAMOS, 2011, pg. 01)

Quando Leo e Sérgio, os personagens principais da peça, revisitam o passado, estão, simultaneamente, construindo o presente. Destarte, com o desdobramento ora como aluno, ora como professor, não há uma paralisação ao se pensar e visitar o passado, pelo contrário, ao fazerem, Leo e Sérgio não deixam nenhum elemento importante de fora, de forma que transmitem a quem está lendo ou assistindo à peça, o pensamento sobre o agora, no momento em que são professores.

Esta relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembrança e esquecimento presente em todo o imaginário e melhor compreendida através de uma concepção da memória coletiva como um corpus (evidentemente dinâmico e jamais fixo) no qual se inscrevem imagens elaboradas e compartilhadas por determinados grupos sociais, e que abarcam o virtual e o real, o vivido e o sonhado, o desejado e o temido, o pesadelo e o sonho, a experiência e a imaginação. A literatura semeia no imaginário coletivo novas visões e ideias, oriundas também do sonho e da fantasias, veículos legitimados do ficcional, inaugurando formas alternativas de encarar e transformar a realidade do grupo social. (RAMOS, 2011, pg. 05)

Portanto, ao compartilharem as memórias, Leo e Sérgio a utilizam de forma coletiva, em que muitas vezes, um complementa o outro, tratando de um jogo de esquecimento e lembrança.

Leo

A mochila da Company! (*coloca a mochila*). A sensação dos anos 80. Praticamente uma peça obrigatória pra pertencer à própria raça humana.

Sérgio

Agora ele vai dizer que era fodido de grana, que morava apenas com a mãe, e as coisas em casa estavam apertadas...

Leo

Mas era época de Figueiredo, de Sarney, estava bom para alguém?

Sérgio

Ele tinha vergonha de pedir as coisas pro pai. Era medroso, sem coragem.

Leo

Tá, mas aí meu pai me deu. Não pedi, ele entendeu, me deu. Uma mochila azul da Company. Estou na oitava série.

Sérgio

Sétima série. Esta é a Soninha. Eu fui apaixonado por ela desde o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto.... sexta série!

Leo

A mochila durou um bom tempo. Depois eu dei a mochila pro Marcos Vinícius, que era ainda mais fodido que eu. Achou o máximo ganhar uma mochila de alguém do segundo grau.

Sérgio

Sétima série. O auge da minha paixão pela Soninha Daqui a duas semanas eu vou ao baile da escola. Vou dançar com a Soninha. A música? Sailing. (*Leo coloca Sailing de Christopher Cross*). Não é essa não.

Leo

Claro que é. (*No microfone*) Você está ouvindo Sailing. Na voz de Christopher Cross.

Sérgio

Não. Não é essa. É Sailing...

Leo

... Sailing. Christopher Croos. Sucesso.

Sérgio

É Sailing, do Rod Stewart.

Leo

Vai me dizer que tem duas músicas com essa nome? Ah, tem. (*Coloca a música certa*). (QUE... 2021)

Entretanto, faz-se importante analisar de maneira analítica os dois momentos de cada personagem, ou seja, quando são alunos e quando são/estão professores de literatura. Essa análise se faz fundamental para entender o tipo de professores que estes personagens se tornaram, professores que se posicionam a favor dos seus alunos, mesmo com as condições mais adversas, que possam dificultar o seu trabalho. Priorizando o aprendizado e entendendo a educação como uma forma de libertação, evidenciando assim um posicionamento freireano, indicando mais uma vez a importância e influência de Paulo Freire para a construção da peça.

Sérgio

(*Caminhando para frente até a cadeira do aluno*). É difícil mesmo pensar no que falar aqui. Neste lugar. Neste momento. Desse jeito que as coisas estão. Olhando assim, acho que eu quero falar sobre isso. Eu quero falar sobre o nada. Mas não é simples. Tem tanta coisa aqui, no nada.

Leo

(*Caminha para a frente e senta na mesa do professor*). “Nonada. tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser - se viu -; e com máscara de cachorro. Me disseram, eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram - era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar as minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente - depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão”. Aí um aluno lá de trás, meio escondido, pra ninguém ver, diz assim: “Professor, ó!” (*Mostra o braço*)

arrepiado) E aqui na frente, um tempo depois, aquele aluno diz assim: “Professor, ó!” (*mostra o braço também arrepiado*).

Sérgio

(Tocando o sino enquanto Leo empurra a mesa para o fundo). Tudo isso aqui - que pode ruir a qualquer momento - pode renascer numa coisa linda. Que Deus esteja no nada. (QUE... 2021)

SER OU ESTAR PROFESSOR DE LITERATURA

Em “Que Mundo Deixaremos para Keith?” Há o trabalho com o passado e o presente, as cenas do passado remetem ao tempo em que os personagens principais eram estudantes e evidenciam a relação com os professores na década de 80. Neste contexto, a literatura e o seu papel no ensino passaram por diferentes discussões e questionamentos durante toda a construção da sociedade contemporânea. Aqui, no Brasil, este assunto tornou-se pauta relevante entre as décadas 70 e 80, debate influenciado pelo esgotamento do regime militar no Brasil.

Pode-se situar na virada dos anos 70 para os anos 80 a data em que se intensificaram e expandiram as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino. O período caracterizava-se pela desconpreensão do regime militar, na esteira das manifestações públicas de insatisfação com o modelo autoritário de governo e da falência do projeto desenvolvimentista abraçado pelo Estado. Entre o final da vigência do Ato Institucional número 5, o AI-5, em 1979, e as primeiras exigências de eleições diretas para a presidência da república, em 1984, o país dá os primeiros passos na direção da redemocratização. É neste contexto que se verifica um movimento amplo, envolvendo sobretudo pesquisadores das áreas de Letras e Pedagogia, preocupados com os rumos da escola brasileira, a qualidade de ensino, a qualificação do professor e os resultados da aprendizagem, que, transcorrida uma década da reforma da educação brasileira, datada de 1970, se mostravam não apenas insuficientes, mas – e principalmente – alarmantes, já que o horizonte futuro prognosticava piores, e não melhoramento ou superação dos problemas. (ZILBERMAN, 2008, pg.02)

Além disso, desde a época citada, os professores de literatura estavam engajados nas discussões acerca da inclusão da disciplina no processo de ensino-aprendizagem, assim como na defesa de melhores garantias para a execução da atividade laboral, em sala de aula.

A emergência de associações, como a de Professores de Língua e Literatura (APLL) e de Leitura do Brasil (ALB), entre o final dos anos 70 e o começo dos anos 80, é também sinal do engajamento de educadores e pesquisadores na discussão tanto

dos problemas de ensino e aprendizagem no âmbito da escola, quanto das políticas públicas que poderiam alavancar uma ação simultaneamente democratizadora e competente que beneficiasse docentes e discentes. Uma agenda positiva mobilizava sobretudo intelectuais atuantes na universidade, originários, como se observou, dos campos da Pedagogia e das Letras, fecundando, por sua vez, pesquisas em áreas adjacentes, como História e Artes, ou não tão próximas, como Ciências e Matemática, em razão de sua presença, enquanto disciplinas, nos currículos de ensino fundamental. (ZILBERMAN, 2008, pg.02)

Na obra “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, essa atuação dos professores é visível, visto que os personagens principais se tornaram professores de literatura quando adultos. Os “flashbacks” apresentados durante a leitura da peça são essenciais para a compreensão do lugar do professor na década de 80, que ainda apresentava traços de punitivismo e incompreensão, como abordado na obra trabalhada.

Leo

Eu fui um mal aluno. Diziam: “Sem futuro”.

Sérgio

Diziam: “Veja ele chegar: o corpo dele, carregado, pesado, tenso.”

Leo

Diziam: “Não, não é por minha culpa que este rapaz ainda se encontra no oitavo ano!” Diziam: “O que os professores, antes de mim deixaram de ensinar?”

Sérgio

Diziam: “Só a escola deve ser posta em xeque? Os pais, não? A família, não?”

Leo

A família, não? É impressionante, mas a minha escola não se considerava responsável pelo meu fracasso. Pelo êxito sim, mas o fracasso não. A escola foi, pra mim, uma instituição de classificação dos melhores, em que os maus alunos eram condenados à vergonha e à solidão típica dos que não compreendem, perdidos em um mundo no qual todo mundo entende, menos eles. Menos eu.

Sérgio

Que mundo deixaremos? (QUE... 2021)

Entretanto, comparando-o com seu lugar na atual sociedade, é perceptível que os professores, personagens da peça, de literatura, sofrem com más condições de trabalho, com desvalorização profissional e social, fatos que também podem ser observados na atualidade.

Leo

Moro em Niterói. Dou aula em Curicica. Me levanto às 04h20. Chego na Candelária e às 05h30 pego outro ônibus. Esse vai lotado. Quer dizer eu pego vazio no ponto final e ele vai lotando pelo caminho. E lá pelas quinze pras sete eu tomo um café na padaria da rua da minha escola. Rua da Reverência. Sento. Como pão com manteiga. Um café. E fico pensando na cidade corrupta e suja de Gregório de Matos. Penso nas coisas que eu vou dizer. Penso em Capitu, em Ana Terra, em Macabéa, em Diadorim, em Baleia. Aí eu pego meu café e sempre vai comigo um senhor que me parece indiano. Ele tem uma cara de Gandhi, olha eu julgando... e a

gente vai caminhando juntos até a entrada da escola. Aí ele segue o caminho dele e eu entro.

Sérgio

Quanta gente...

Leo

Quantos você acha que vieram hoje?

Sérgio

(Contando) Uns 46... (QUE... 2021)

Leo

Essa é a Sala 15. *(Empurrando a mesa para a frente)*. Uma rampa pra chegar aqui... porta preta de ferro. E não pega sol. Não tem janela. Um ar condicionado que só tem dois botões: Nigéria ou Sibéria. Tá na Sibéria hoje. E eu leio com eles a carta do achamento *(dando o livro para alguém)*. Começo falando do Brasil inicial, dos povos originários. Aquele encontro. De tudo o que a gente poderia ter sido e não foi. O bairro onde você mora, “ya-cury-ycica”. “Árvore que baba”. *(Sentando na mesa, em tom intimista)*. “Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.” Aí um lá de trás, meio escondido, fala assim: “Professor, ó!” *(mostrando o braço arrepiado)*. E aqui na frente, pra todo mundo ver, um outro fala assim: “Professor, ó!” *(mostrando o relógio)*.

Sérgio

(Começa a tocar o sino) Um sino. Um sino de verdade. Antes era na minha escola. Depois o sino foi substituído por uma sirene que parecia o prenúncio de uma catástrofe. (QUE... 2021)

Assim, mesmo que em “Que Mundo Deixaremos para Keith?” haja a apresentação e a denúncia sobre as más condições de trabalho, é importante ressaltar o reconhecimento e a importância do trabalho feito pelo professor, em especial o de literatura a partir das reflexões das personagens Leo e Sérgio. Dessa forma, entende-se que é importante discutir sobre o ser ou estar professor de literatura, uma vez que, a partir de pressupostos pedagógicos, a prática docente se faz plena quando há uma auto-reflexão do profissional acerca do seu saber e do seu saber fazer, uma vez que ambos são inseparáveis e necessários para profissional da docência.

Dentro da obra analisada, ainda é perceptível observar o local que a escola e consequentemente o professor de literatura ocupam dentro da sociedade brasileira do século XXI, um espaço que na teoria deveria ser de acolhimento e práticas voltadas para o processo de ensino-aprendizagem, tornou-se, por influências políticas e correntes de pensamento retrógradas, um local inseguro e, por vezes, de medo. Dessa maneira, “Que Mundo Deixaremos para Keith?” também faz uma denúncia sobre a violência que ocorre nas escolas brasileiras.

Leo

Eu tinha um amigo, quer dizer, um colega, que é bandido. Mago, o apelido dele. Eu segurei a arma dele na quadra de cima. Uma pistola. Prateada. Ele disse: “Segura aí,

Pinto!” Ele me chama de Pinto. Eu era muito magro, pequeno, tinha o cabelo espetadinho assim. “Segura aí!”, como se fosse uma mochila, uma camisa, sei lá, uma coisa qualquer, sem importância. Ele colocou uma pistola no meu colo, levantou como se fosse a coisa mais normal do mundo e foi jogar bola. Eu fiquei segurando e achei... pesada. Foi meu único pensamento. Não raciocinei. Mas eu não sentia que corria esse risco de morrer dentro da escola. Esse medo eu não tinha. Tinha muita coisa dentro de mim, mas morrer... *(Sérgio para de dançar)* Nunca passou pela minha cabeça. Nunca passou... Morrer...

Sérgio

Lembra do Marcos Vinicius, aquele da mochila da Company? Ele tinha 14 anos, e não chegou a ir pra escola naquela manhã; Uniformizado, ele voltou pra casa pra se esconder dos disparos do helicóptero da polícia. Não adiantou. (QUE... 2021)

(na mesa) Era uma quinta-feira de novembro. O Mago não tinha ido à aula naquele dia. Ele saltou de uma moto, pulou o muro da escola e sacou a pistola. A professora Sandra recolheu os meninos, juntou quantos cabiam embaixo dos braços, e segurou a porta. Lá de dentro as crianças só ouviram os tiros.

Sérgio

(Pegando a cadeira) Eram duas horas da tarde. Maria Eduarda estava na quadra de cima. Dentro da escola. Numa aula de Educação Física quando levou um tiro de fuzil da Polícia Militar. Maria Eduarda tinha 13 anos. (QUE... 2021)

Com isso, a peça discute diferentes aspectos de diferentes épocas, anos 80 e no século XXI, de ser ou estar professor de literatura. A partir da perspectiva descrita enquanto alunos dos personagens Leo e Sérgio, percebe-se uma influência clara de uma docência ainda voltada para o punitivismo e com técnicas de aprendizado que desestimulavam o aluno de maneira explícita, que diziam que aquele aluno não poderia ser nada.

Leo

Me tornei um esse professor aqui... que foi um péssimo aluno.

Sérgio

Aqueles que alguns professores diziam: “esse não quer aprender”.

Leo

Aquele para quem diziam que tinha que aprender a baixar a cabeça. Mas não é mais assim. (QUE... 2021)

Entretanto, ao se observar a perspectiva dos personagens já quando adultos e como professores de literatura, contempla-se uma outra abordagem como docente, esta exercida a partir de uma pedagogia freireana, que enxerga o aluno como agente principal de seu processo de aprendizagem, entendendo também que existem diferentes formas de aprender e

diferentes formas de inteligência, não abordando os alunos da mesma maneira da década de 80, mas com um olhar que entende a escola como um espaço seguro para a diversidade e a sala de aula como uma porta para um futuro em que todos os alunos possam vislumbrar e sonhar com dias melhores.

Leo e Sérgio poderiam ter repetido o ciclo no qual estiveram inseridos quando alunos, mas não o fizeram. Em meio a todas as adversidades que acompanham a vida do professor, neste caso, o de literatura, desde deslocamento, condições de trabalho, relacionamento com pais e alunos, a maior reflexão com a leitura e o assistir da peça é: voltar ao passado para compreendê-lo e olhar para o futuro sem cometer os mesmos erros. Assim, os personagens também se tornaram professores, mas buscaram uma versão diferente daqueles que tiveram, cativando os alunos para a construção de uma escola acolhedora e conseqüentemente, quem sabe, de um mundo melhor.

Áudio da aluna

Oi, Professor, espero que esteja bem.

Quero começar essa mensagem com uma pergunta que tá na minha cabeça há muito tempo: De que é a escola? A quem ela pertence?

Acho que o senhor sabe a resposta

Estou aqui junto com o senhor porque quero ter um futuro nesse país, que vai ser o país dos meus filhos e dos filhos dos meus filhos, e eu me preocupo com esse país. Eu queria convidar a minha família para nos visitar e conhecer o senhor, conhecer os meus amigos, conhecer a nossa escola.

Lá em casa, ontem, meu pai falou que a escola deveria ser uma Escola Sem Partido. Tentei explicar que uma 'escola sem partido' é uma escola sem senso crítico, é uma escola racista, é uma escola homofóbica, violenta. É falar para mim e para os meus amigos que nós deveríamos ser um exército de não-pensantes, que só ouve e baixa a cabeça, e não somos isso. Isso me insulta, me humilha. Ele pensa que eu não tenho capacidade de pensar por mim mesma, mas não vou baixar a cabeça.

Ele e todos deveriam se preocupar com as gerações futuras, com a sociedade e com o futuro do país. Que mundo deixaremos?

Professor, eu tenho desejos, eu tenho ideais e eu não quero parar de ir em busca do conhecimento.

Apesar de todas as dificuldades, apesar da ruína, apesar de todos os problemas aqui na escola eu consigo ter e levar comigo para casa a presença da felicidade. Porque eu consigo ter e levar comigo para cada a presença da felicidade. Porque é aqui que eu aprendo com professores como o senhor a acreditar que eu posso me transformar e transformar o lugar que vivo, é aqui que aprendo a ir além da esperança. Aqui eu me concentro e me sinto... eu me sinto. É isso. Aprendo a ser.

Um abraço e obrigada. (QUE... 2021)

Leo

As coisas que ficam na nossa cabeça, né? Quando criança eu assisti a um episódio de 'Além da Imaginação', lembra? Tinha uma criança como eu, cavando no seu quintal, como eu fazia no sítio do meu tio. E aí ela achou um baú. Dentro desse baú havia um relógio. E o relógio funcionava, Depois ela viu que, parando os ponteiros desse relógio, o tempo parava. As pessoas ao seu redor congelavam, os carros na rua paravam, as pessoas, os pássaros... tudo parava.

Sérgio

(levando a mesa à frente) Na última cena do episódio o menino se vê num dilema. O relógio está em suas mãos. O menino está ofegante. A câmera se afasta lentamente e a gente percebe que o tempo está parado. Só o menino se mexe.

Leo

Era o menino sozinho num mundo sem tempo.

Sérgio

Não lido bem com a passagem do tempo. Acho sempre os dias muito curtos e me assusto sempre com a progressão as rugas na minha testa, ao lado dos meus olhos... Achei mesmo em algum momento que o tempo não passaria para mim. *(pausa)* Passou.

Leo

Passou. Não podemos alterar o passado.

Sérgio

Mas podemos dar a ele um novo sentido.

Leo

Então vamos tentar começar tudo de novo.

Os atores re-arrumam o cenário. Cada coisa em seu lugar de início. Sentam um de frente para o outro.

Áudio de Paulo Freire

É isso que a gente precisa ver. Essa forma sábia de falar é também do adulto e é também da criança. Eu até diria que é do adulto que não matou o menino que tinha em si. E essa é uma das coisas que eu vou dizer a vocês com uma convicção enorme: eu tenho 73 anos, mas sou o mesmo menino que fui e brigo para ser o menino que não pude ser, hoje ainda. (QUE... 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar em um artigo que relaciona literatura e teatro, algumas dúvidas podem aparecer, entre elas, se essa relação existe ou não. A intenção de realizar a produção deste foi pensada desde a participação na disciplina Literatura Brasileira - Teatro, e ficou evidente o quanto essa associação entre a arte da escrita e a arte da performance pode render discussões frutíferas, como a aqui apresentada. Ao se observar o texto dramático - elemento escrito que representa todas as indicações necessárias para colocar em prática toda a encenação - com um olhar literário, foi possível entender como o uso da memória foi substancial para a construção dos personagens apresentados, dessa forma, a peça busca, com diferentes memorialísticos, demonstrar a composição de personagens com o uso de memórias e reflexões acerca de cada uma delas para, enfim, tornar-se um professor de literatura.

A partir do primeiro contato com a obra “Que Mundo Deixaremos para Keith?”, questionamentos sobre a construção do ser professor de literatura na peça foram se acumulando. Com a leitura encenada da obra, a relação entre literatura e memória tornou-se ainda mais clara, e, com isso, surgiu a perspectiva de entender como os “flashbacks” utilizados na construção da peça são importantes para a construção de um presente - no qual os personagens principais são professores. Percebe-se, portanto, com a leitura de diferentes artigos, que a relação entre literatura e memória é extremamente frutífera, uma vez que observar o passado é, simultaneamente, construir o presente. Dessa forma, entendeu-se que, para a construção do ser professor de literatura, a memória foi amplamente utilizada, pois assim, Leo e Sérgio - ao voltarem aos seus passados - estariam construindo e reconstruindo seu presente e pensando o futuro como professores de literatura, compreendendo os erros que foram cometidos por seus antigos docentes e buscando formas de não repeti-los, mas sim de tornarem, cada vez mais, professores engajados com uma escola que acolha a todos e que valorize a sua profissão.

Por fim, as reflexões aqui apresentadas convergem para um ponto em comum: o professor de literatura e o lugar que ele ocupou e ocupa hoje. Com as memórias apresentadas, é notório como a relação de Leo e Sérgio com a escola e posteriormente com os professores, não foi agradável, entretanto, voltando ao passado, ambos compreendem o quão importante é entender os erros cometidos para não repeti-los. Dessa forma, os professores que se tornaram são completamente diferente daqueles que tiveram, refletindo na sua relação com a escola e os alunos, contribuindo, inconscientemente ou não, para uma educação respeitosa e consequentemente de uma sociedade respeitosa.

REFERÊNCIAS

QUE MUNDO DEIXAREMOS PARA KEITH?. Direção de Denise Stutz. Roteiro: Leonardo Corajo, Eduardo Nunes e Sérgio Medeiros. Rio de Janeiro: Cia de Teatro, 2021. P&B.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. **MEMÓRIA E LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES PARA UM ESTUDO DIALÓGICO.** *Linguagem em (Re)Vista*, Niterói, p. 92-104, nov. 2011.

ZILBERMAN, Regina. **O PAPEL DA LITERATURA NA ESCOLA.** *Via Atlântica*, São Paulo, v. 14, p. 12-22, dez. 2008.

LEITE, S. A. S. e HIGA, S. E. L. **APROXIMAÇÃO E AFASTAMENTO NA RELAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E AS PRÁTICAS DE LEITURA: O PAPEL DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR.** In: LEME, M. I. S.; OLIVEIRA, P. S. Proximidade e distanciamento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 139-160.

SOUZA, Catherine Santana. **LEITURA EnCENA: O ENSINO DA LITERATURA ATRAVÉS DO TEATRO.** 2017.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade. **ESTÉTICA TEATRAL.** *Itinerários*, Araraquara, v. 14, p. 5-14, maio 1993.